

Martin Amis

A Seta do Tempo

ou A Natureza da Ofensa

Tradução de Jorge Pereirinha Pires



QUETZAL serpente emplumada | Martin Amis

Para a Sally.

PRIMEIRA PARTE



O que vai, volta

AVANCEI, PARA FORA DO MAIS NEGRO sonho, até me encontrar rodeado por *médicos*... Médicos americanos: senti-lhes o vigor, mal contido, bem como a profusão dos seus pelos corporais; e o sinistro toque das suas sinistras mãos — mãos de médico, tão fortes, tão limpas, tão aromáticas. Embora a minha paralisia fosse praticamente completa, vim a descobrir que conseguia mover os olhos. Em todo o caso, os meus olhos moveram-se. Os médicos pareciam estar a aproveitar-se da minha imobilidade. Estavam, senti eu, a discutir o meu caso, mas também outros assuntos relacionados com o copioso tempo livre deles: passatempos, e assim por diante. E veio até mim o pensamento, surpreendente na sua fluência e confiança, plenamente formado, plenamente resolvido: Como eu odeio médicos. Quaisquer médicos. Todos os médicos. Pense-se na anedota judaica, a da velhota correndo muito agitada ao longo da beira-mar: *Socorro! O meu filho que é médico está a afogar-se*. Divertido, suponho eu. O orgulho dela, suponho eu, é divertido: é maior do que o seu amor. Mas porquê o orgulho nesses filhos *médicos* (porque não vergonha, porque não

incrível pavor?): íntimos dos bacilos e das triquinhas, do trauma e da mortificação, com o seu nojento vocabulário e o seu nojento mobiliário (o avental de borracha ensanguentado, pendurado no seu gancho). Eles são os porteiros da vida. E porque haveria alguém de querer ser isso?

Os médicos ao redor da minha cama estavam, é claro, em trajes de lazer; emitiam uma lanugem de compenetração bronzeada pelo sol, a par da unanimidade que provém da segurança entre a multidão. Dadas as minhas circunstâncias, eu poderia ter achado os modos deles insultuosamente casuais. Fui porém tranquilizado pelo próprio enfado desses médicos ou corredores ou culturistas, desses peritos em vigor — algo que tinha a ver com a sua sisuda procura da boa vida. A boa vida, pelo menos, é melhor do que a má vida. Inclui prancha à vela, por exemplo, e belos negócios em títulos de futuro, e tiro ao arco, e voos em asa-delta, e belas jantaradas. No meu sono eu sonhara com um... Não, não foi assim. Permitam-me que o diga da seguinte maneira: presidindo à escuridão para fora da qual eu me avultara havia uma figura, uma forma masculina, com uma aura completamente ingovernável, contendo coisas como beleza, terror, amor, imundície e acima de tudo poder. Essa forma ou essência masculina parecia estar vestida com um casaco branco (a alvíssima bata de um médico). E botas pretas. E um certo tipo de sorriso. Julgo que a imagem poderia ter sido um fantasmal negativo do médico número um — do seu fato de treino preto e enérgicas sapatilhas, e do estremecimento de satisfação que ele soltou quando apontou para o meu peito com um trejeito de cabeça.

O tempo passava agora sem deixar rasto, pois estava entregue à luta, com a cama assemelhando-se a uma armadilha ou um poço, coberto com redes, e à sensação de encetar uma terrível viagem, rumo a um terrível segredo. O que tinha o segredo a ver com isto? Ele, com ele: o pior homem no pior lugar no pior momento. Eu estava nitidamente a tornar-me mais forte. Os meus médicos iam e vinham, com mãos pesadas e respiração pesada, para admirarem os meus novos gorgolejos e queixumes, as minhas contorções mais espetaculares, os meus atléticos abanões. Muitas vezes, estava lá uma enfermeira, sozinha, em adorável vigília. O uniforme creme dela fazia um ruído de embrulho — um som no qual eu senti que poderia depositar todos os meus anseios e a minha confiança. Porque neste estádio eu estava notavelmente melhor, sentindo-me realmente nos píncaros. Nunca me sentira tão bem. A sensação e todos os seus luxos retornaram primeiro ao meu lado esquerdo (de súbito) e depois ao meu direito (com esplêndida discrição). Até recebi elogios da enfermeira por arquear agilmente as minhas costas, mais ou menos sem assistência, quando ela fazia aquela coisa com a arrastadeira... De qualquer modo, fiquei ali deitado, num estado de espírito de serena celebração, nem sei por quanto tempo, até à hora má — e aos serventes. Com os médicos golfistas eu conseguira lidar, a enfermeira fora um ganho desmedido. Mas depois vieram os serventes, que lidaram comigo por meio da eletricidade e do ar. Havia três deles. Não estive com cerimónias. Entraram apressadamente no quarto e embrulharam-me nas minhas roupas e levaram-me de maca para o jardim. Isso mesmo. Seguidamente com os cabos,

pareciam dois telefones (branco-branco quente), deram-me um choque no peito. Por fim, antes de se irem embora, um deles beijou-me. Creio que sei o nome desse beijo. Chamam-lhe o beijo da vida. A seguir devo ter desmaiado.

E quando voltei a mim foi com um audível estalido nos ouvidos, e uma rica consciência da solidão, e um sentimento de amor e admiração por este grande e estólido corpo em que eu estava, o qual mesmo agora estava preocupado e indiferente, esticando-se sobre o róseo leito para ajustar uma faixa solta de clematites na parede de madeira. O grande corpo continuava a ocupar-se de ninharias, com vagarosa competência: sim, aquilo realmente sabe do que é feito. O que me apetecia era descansar e dar uma boa olhadela ao jardim — mas há qualquer coisa que não está a funcionar bem. Qualquer coisa não está a funcionar bem: este corpo em que eu estou não quer aceitar ordens desta minha vontade. Olha em teu redor, digo eu. Mas o pescoço dele ignora-me. Os olhos dele têm a sua própria agenda. Será sério? Estaremos bem? Não entrei em pânico. Desenrasquei-me com a visão periférica que, no fim de contas, é a melhor alternativa que há. Vi flora arrebatadora e trememente, pareciam palpitações ou suaves explosões ao lado da cabeça. E um verde-pálido circum-ambiente, barrado e lavrado em relevo com luz pálida, que parecia... parecia dinheiro americano. Continuei entretido ali por fora até que começou a ficar escuro. Descarreguei as ferramentas dentro da barraca. Espera aí. Porque estou eu a entrar em casa caminhando *às arreguas*? Espera. É o crepúsculo que aí vem ou é a alvorada? Qual é a — qual é a sequência da viagem em que eu estou? Quais são as regras dela? Porque

estão os pássaros a cantar de forma tão estranha? Para onde estou eu a ir?

Em qualquer caso, estabeleceu-se certamente uma rotina. Parece que estou a apanhar o jeito às coisas.

Vivo, aqui por estes lados, na América do estendal de roupa e da caixa de correio, na América inócua, na *América* afável, do crisol, das cores primárias, do «tu-estás-bem-eu-estou-bem». O meu nome, pois claro, é Tod Friendly. Tod T. Friendly. Oh, eu estou por lá, estou por lá nos Tempos de Verdura, ou à porta do Mundo das Ferramentas do Hank, ou no pedaço de relvado junto ao branco edifício da sede do município, com o meu peito espetado para fora e as mãos nas ancas e uma espécie de silencioso «ho-ho-ho». Porque eu sou um fulano desse género. Estou por lá — estou por lá na loja de hortaliças, no posto de correios, com o meu «Olá» e o meu, «Então, adeusinho» e o meu «Bem. Bem». Mas não é bem dessa maneira que sucede. É desta:

— Meb. Meb — diz a senhora na farmácia.

— Meb — digo-lhe eu também. — Cê votá escome?

— Docri cê votá escome?

«Mh-mm», dirá ela, enquanto desembrulha a minha loção capilar. Vou-me embora, às arrecuas, com um toque no chapéu. Falo sem volição, do mesmo modo que faço tudo o resto. Para dizer a verdade, demorei um bom bocado de tempo a perceber que o lamentável chilreio que eu ouvia à minha volta era, de facto, fala humana. Cristo, até as cotovias e os pardais soam com maior dignidade. Traduzo este gorjeio humano, por interesse. Não demorei a entendê-lo. Sei, agora, que sou fluente, porque consigo

sonhar com ele. Há outra língua, uma segunda língua, aqui na cabeça do Tod. Por vezes também sonhamos nessa língua.

Mas, sim, cá vamos nós, garbosamente chapelados, finamente calçados, com a *Gazette* enfiada debaixo do braço, passando pelos pequenos acessos às garagens (AQUI MORA GENTE), pelas caixas de correio com inscrições (Wells, Cohen, Rezika, Meleagrou, Klodzinski, Schering-Kahlbaum, e não sei que mais), pela serena ambição de cada herdade (Favor Respeitar os Direitos do Proprietário), pelos autocarros cheios de crianças e pelo sinal amarelo que diz ABRANDE-CRIANÇAS e pela forma negra daquele rapazola precipitoso agarrado ao seu saco da escola (claro que ele não está a ver. Está atarefado com a corrida. O rosto, os olhos estão inclinados para baixo. Ele nem pensa nos carros: somente no legítimo exercício dos seus poderes terrenos). Quando os pequenitos se esquivam para passarem por mim no minimercado, dou-lhes a velha e casta despenteadela nas guedelhas. O Tod Friendly. Não tenho acesso aos pensamentos dele — mas sou inundado pelas suas emoções. Sou como um crocodilo no profundo rio da emotividade dele. E sabem que mais? Cada olhar, cada par de olhos, mesmo quando estes se estreitam em ingénua apreciação, aponta a qualquer coisa dentro dele, e eu sinto o calor do medo e da vergonha. Será para isso que estou a dirigir-me? E o medo do Tod, quando eu paro e o analiso, é realmente assustador. E inexplicável. Tem a ver com a mutilação dele. Quem poderia cometê-la? Como pode ele evitá-la?

Vejam. Estamos a ficar mais jovens. Estamos mesmo. Estamos a ficar mais fortes. Estamos até a ficar mais *altos*. Não reconheço inteiramente este mundo em que estamos.

Tudo é familiar mas não de todo reconfortante. Longe disso. Este é um mundo de equívocos, de equívocos diametrais. Todas as outras pessoas estão a ficar mais jovens também, mas não parecem importar-se, tal como o Tod não se importa. Não acham isso contraintuitivo e um bocadito repugnante, como eu. Todavia, estou incapaz, e não posso fazer nada a respeito de coisa nenhuma. Não posso fazer de mim uma exceção. As outras pessoas, será que têm alguém dentro delas, passageiro ou parasita, como eu? Felizardas. Aposto que elas não têm o sonho que nós temos. A figura com a bata branca e as botas pretas. Na sua esteira, uma saraivada de vento e granizo, como uma tempestade de almas humanas.

Todos os dias, quando o Tod e eu já não precisamos da *Gazette*, levamo-la de volta para a loja. Dou uma boa olhadela à data no cabeçalho. E o que se passa é o seguinte. A seguir a 2 de outubro, vem 1 de outubro. A seguir a 1 de outubro, vem 30 de setembro. Como é que se explica *isso*?... Diz-se que os doidos guardam um filme ou um cenário de palco nas suas cabeças, o qual eles vão arranjando e decorando e percorrendo. Mas o Tod é são, aparentemente, e o mundo dele é partilhado. Parece-me apenas que o filme está a passar às arrecuas.

Não sou um completo inocente.

Por exemplo, acho que estou equipado com uma razoável quantidade de informação desprovida de valor, ou conhecimento geral, se preferirem. $E = mc^2$. A velocidade da luz é 300 mil quilómetros por segundo. Não é nada vagarosa. O universo é finito mas ilimitado. Quanto aos planetas, há Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno,

Úrano, Neptuno, Plutão — o pobre Plutão, subzero, subnormal, feito de gelo e rocha e tão longe do calor e do fulgor. A vida não é nenhuma tigela de cerejas. É balanços e reviravoltas. Ganham-se umas, perdem-se outras. A própria vida se nivela. Como deve ser. O que vai volta. 1066, 1789, 1945. Tenho um vocabulário soberbo (mónada, retrátil, necrópole, palíndromo, antidesinstitucionalismo) e um desprendido domínio de todas as regras gramaticais. O apóstrofo em «Favor Respeitar os Direito's do Proprietário» não está bem posto. (Nem o que está naquele anúncio da Estrada 6 que localiza e elogia a «Loja de Bebida's do Rogers.») Para além das palavras que denotam movimento ou processo, as quais me levam sempre a estender a mão para as minhas aspas («dar», «outono», «comer», «defecar»), a linguagem escrita faz inteiro sentido, contrariamente à falada. Aí vai outra anedota: «Ela telefona-me e diz: “Vem até cá. Não está ninguém em casa.” De modo que eu vou até lá, e adivinhem só. Não está ninguém em casa.» Marte é o deus romano da guerra. Narciso apaixonou-se pelo seu próprio reflexo — pela própria alma. Se alguma vez fizerdes um acordo com o diabo, e ele quiser tirar-vos algo em troca — não deixeis que ele vos leve o espelho. Não o vosso espelho, que é o vosso reflexo, que é o vosso duplo, que é o vosso participante secreto. Tem de dizer-se uma coisa a favor do diabo: ele age por sua própria iniciativa, e não está só a cumprir ordens.

Ninguém poderia acusar Tod Friendly de estar apaixonado pelo seu próprio reflexo. Pelo contrário, ele não consegue suportar tal visão. Cuida de si mesmo através do tato: prefere uma máquina de barbear elétrica e aparar o seu próprio cabelo com uma brutal tesoura de cozinha.

Deus sabe o aspeto que ele tem. Existem diversos espelhos em nossa casa, como seria de esperar, mas ele nunca os confronta ou consulta. Recebo uma ocasional sugestão da escura montra de uma loja; por vezes, também, uma fortuita distorção no polimento de uma torneira ou de uma faca. Tem de dizer-se que a minha curiosidade é fortemente qualificada pela trepidação. O corpo dele não é lá muito prometedor: as imperfeições épicas nas costas das mãos, o tronco folgadoamente envolto numa carne que cheira a aves e a hortelã, os pés. Deparamos com alguns belos americanos de antigamente nas avenidas de Wellport, avôs redondos como barris e robustos lobos-do-mar, os quais são «maravilhosos». O Tod não é maravilhoso. Por enquanto não. Ainda está bastante arruinado, todo vergado e enviado e envergonhado. E a cara dele? Bom, aquilo aconteceu, certa noite, entre sonhos ruins. Ele havia-se arrastado até à casa de banho às escuras, e ficara vergado por cima do lavatório, sentindo-se perdido, despersonalizado, e tentando acalmar-se ou refrear-se com a água corrente. O Tod gemeu, e endireitou-se diante do espelho escuro, e estendeu a mão para o interruptor. Cuidado com isso, pensei eu. Aquilo *teria* de acontecer à velocidade da luz. Agora calma. Lá vai...

Eu esperava ter um aspeto merdoso, mas isto foi ridículo. Jesus. Nós realmente *temos* um aspeto merdoso. Como uma bosta de vaca, a bem dizer. Ena. Haverá genuinamente alguém lá dentro? Sim: lentamente aquilo adquiriu forma — a cabeça do Tod. Ladeado pelas grandes guitarras das orelhas, o cabelo dele dispunha-se esparsamente sobre o escalpe tipo casca de laranja, numas minhocas brancas. Gordurosas, também. Isso já eu percebera: todas as manchas ele engarrafa o muco que se solta dali, e, a cada dois

meses ou perto disso, leva-o até à farmácia para receber uns 3,45 dólares. O mesmo com o pó de cheiro doce que é sacudido pela sua carne obscuramente culpável... O rosto propriamente dito: entre as suas ruínas e relíquias, que nada dizem, há um turbilhão de expressividade ao redor dos olhos, severa, dissimulada, imperdoavelmente cómica, e cheia de medo. O Tod apagou a luz. Voltou para a cama e retomou o seu pesadelo. Os lençóis dele têm o alvo cheiro do medo. Eu sou obrigado a cheirar o que ele cheira, o pó de talco, o odor das unhas dele antes que o fogo as cuspa cá para fora — para serem apanhadas no prato e depois dolorosamente reaplicadas nas palpitantes pontas dos seus dedos.

Será só de mim, ou isto é uma estranha maneira de perseverar? Toda a vida, por exemplo, tudo o sustento, todo o sentido (e uma boa parte do dinheiro) brotam de um único utensílio doméstico: a pega do autoclismo. Ao fim do dia, antes do meu café, vou até lá. E aquilo já ali está: aquele humilhante cheiro *quente*. Baixo as calças e dou uso à pega mágica. De repente está lá tudo, incluindo o papel higiênico, que se usa e depois se rebobina com habilidade no rolo. Mais tarde, puxam-se as calças para cima e espera-se que desapareça a dor. A dor, porventura, de toda a transação, de toda a dependência. Não admira que choresmos ao fazê-lo. Breve olhar para a água limpa lá em baixo na sanita. Eu não sei, mas parece-me um raio de uma maneira de se viver. Seguidamente as duas chávenas de descafeinado antes de ir para a sossega.

Comer também é muito pouco atraente. Primeiro empilho os pratos limpos na máquina de lavar, que funciona

bem, acho eu, tal como todos os meus outros dispositivos para poupar trabalho, até surgir algum gordo sacana com um fato-macaco vestido que os traumatize com as suas ferramentas. Até aqui tudo bem: a seguir escolhe-se um prato sujo, recolhem-se alguns restos entre o lixo e instalamo-nos para uma curta espera. Sobem-me à boca diversos artigos, e após desta massagem com a língua e os dentes transfiro-os para o prato a fim de fazer escultura adicional com a faca, o garfo e a colher. Esse momento é pelo menos bastante terapêutico, a menos que se esteja a tomar sopa ou algo assim, o que poderá ser uma autêntica condenação. A seguir enfrenta-se a laboriosa tarefa da refrigeração, do reempacotamento, do armazenamento, antes da restituição desses alimentos ao minimercado, onde, reconheça-se, sou pronta e generosamente reembolsado pelos meus sofrimentos. Em seguida avança-se pelos corredores, com carrinho ou cesto, devolvendo cada lata e pacote ao seu legítimo lugar.

Outra coisa que me desaponta seriamente nesta vida que estou a viver: a leitura. Todas as noites me arrasto para fora da cama a fim de começar o dia — e com o quê? Não com um livro. Nem sequer com a *Gazette*. Não. Duas ou três horas com um tabloide uivante. Começo pelo fim da coluna e sigo o meu laborioso caminho pela página acima até encontrar cada história resumida, de forma pouco edificante, numas letras com dois centímetros de altura. **HOMEM DÁ À LUZ CÃO.** Ou **JOVEM ATRIZ VIOLADA POR PTERODÁCTILO.** A Greta Garbo, li eu, renasceu como um gato. Imensas coisas acerca de *gémeos*. Uma super-raça nórdica descerá em breve das geladas nuvens cósmicas; irão governar a Terra por mil anos. Imensas coisas acerca da *Atlântida*. Apropriadamente, é o pessoal do lixo que me

traz o meu material de leitura. Carrego cá para dentro os sacos — que emanam, ao que parece, das monstruosas mandíbulas, da violência industrial, do camião do lixo. E fico, portanto, aqui sentado a gorgolejar para dentro do meu copo e a absorver todas aquelas tretas imbecis. Não consigo evitá-lo. Estou à mercê de Tod. O que está a acontecer — no mundo, quero eu dizer? Acerca disso eu nada saberia também. A não ser quando o olhar do Tod se afasta das Palavras-Cruzadas Rápidas na *Gazette*. Na maior parte do tempo estou a olhar fixamente para coisas como *Contrário de pequeno* (6) ou *Não suja* (5). Há uma estante com livros na sala de estar. Atrás da sua vitrina empoeirada, as lombadas empoeiradas, todas elas a postos. Mas não. Em vez disso, VIDA AMOROSA EM PLUTÃO. EU SOU ZSA ZSA GABOR DIZ MACACO. QUÍNTUPLoS GÉMEOS SIAMESES!

Há certas vantagens agora, porém, à medida que os anos vão passando. A Era Reagan, penso eu, está a fazer maravilhas pelo moral do Tod.

Fisicamente estou em grande forma. Os meus tornozelos e os joelhos e a coluna e o pescoço já não me doem o tempo todo — ou não todos ao mesmo tempo, em qualquer caso. Chego aos sítios muito mais depressa do que costumava: sítios como o outro extremo do quarto. Já lá estou antes que se dê por isso. A minha postura é quase principesca. Há muito que vendi aquela minha bengala.

O Tod e eu andamos a sentir-nos tão formidáveis que nos inscrevemos num clube e nos dedicámos ao ténis. Talvez prematuramente. Porque — para começar, pelo menos — aquilo deixou-nos as costas a doer como o caraças. O ténis

é um jogo bastante idiota, ando eu a descobrir: a bola felpuda salta para fora da rede, ou para fora da rede de arame ao fundo do campo, e nós os quatro vamos-lhe batendo até ela ser enfiada no bolso — muito arbitrariamente, ao que me parece — pelo servidor. Mesmo assim nós vamos saltando e bufando, todos contentes. Gracejamos e rimos: as nossas ataduras, as nossas ligaduras de cotovelo. *Pap* dizem as raquetas. O Tod é popular; os fulanos parecem gostar bastante dele. Não sei que ideia deles faz o Tod, a não ser que as suas glândulas me dizem que ele passaria bem sem qualquer atenção especial, ou nenhuma atenção de todo.

Na maior parte do tempo ficamos sentados na sala do clube jogando às cartas. A sala do clube é onde eu vejo o presidente, no televisor da parede. Sim, os fulanos mais velhos, os indivíduos idosos com as suas sardas e os seus sumos de frutas, todos eles gostam imenso de ver o presidente: as caretas dele, os enganos dele, o seu cabelo de classe mundial. O Tod gosta de estar na sala do clube, mas há aqui um homem que ele odeia e teme. O homem chama-se Art — mais um avô que é um gorila, com uma mortífera palmada nas costas e uma voz de poder e penetração milenares. Até eu fiquei apavorado na primeira vez que isso aconteceu, quando o Art rebolou até à nossa mesa, deu ao Tod uma espécie de calduço que quase lhe quebrou o pescoço, e disse, incrivelmente alto:

— *Tu come-os vivos.*

— Sim. O que é? — disse o Tod.

Ele inclinou-se para mais perto.

— Os outros aqui podem acreditar nessa merda, ó Friendly, mas eu sei do que andas tu atrás.

— Oh, isso tem sido muito exagerado.

— Ainda andas à caça deles? — gritou o Art, e rebolou de novo para longe.

Sempre que tentamos passar à socapa pela mesa do Art, haverá uma pausa, e seguidamente um murmúrio cerrado que vai abrindo caminho até ao outro lado da sala: «Tod Friendly: conheceu mais cus do que um assento de sanita.» O Tod não gosta disso. Ele não gosta disso nem um bocadinho.

Todavia, no minimercado, hoje em dia, é verdade, os olhos do Tod Friendly demoram-se nos corpos das *frauleins* locais enquanto elas empurram os seus carrinhos. Nos tornozelos, na junção dos quadris, na angra da clavícula, no cabelo. Sucede, ademais, que o Tod tem uma arca preta com fotografias de mulheres lá dentro. Joviais garotas já com certa idade em vestidos de festa e acastanhados fatos de calças e casaco. Cartas atadas com fitas, medalhões, as bugigangas do amor. Mais ao fundo da arca, onde o Tod não remexe muitas vezes, as mulheres tornam-se apreciavelmente mais jovens e podem ser vistas dentro de coisas como calções e roupa de natação. Se tudo isso significa o que eu penso que significa, então estou impaciente. Realmente nem posso esperar. Não sei até que ponto faz sentido dizer-se que estou a ficar farto da companhia do Tod. Estamos juntos nisto, absolutamente. Mas não é bom para ele estar tão só. O isolamento *dele* é completo. Porque ele não sabe que eu estou aqui.

Estamos sempre a apanhar novos hábitos. Maus hábitos, assumo eu: solitários, em todo o caso. O Tod peca a sós... Adquiriu um gosto por álcool e tabaco. Começa o dia com esses vícios — o sereno copo de vinho tinto,

o pensativo charuto — e não costuma dizer-se que isso é especialmente ruim? A outra coisa é a seguinte. Não com grande entusiasmo, e também não com grande sucesso, tanto quanto eu possa verificar, começámos a fazer uma coisa sexual com nós mesmos. Isso acontece, *quando* acontece, logo que acordamos. Depois pomos-nos em pé cambaleando e apanhamos as nossas roupas do chão, e sentamo-nos e babamo-nos para dentro do nosso copo, chupando um pensativo *perfecto*, e olhando para o tabloide e toda a sua horrenda porcaria.

Não sei dizer — e preciso de saber — se o Tod é gentil. Ou até que ponto o não é. Ele tira os brinquedos às crianças, na rua. Tira mesmo. O miúdo há de estar postado por lá, com mãe enervada, com grande pai. Há de aparecer o Tod. O brinquedo, o pato que guincha ou outra coisa qualquer, ser-lhe-á oferecido pela criança sorridente. O Tod pega nele. E afasta-se às arrecuas, com aquilo que eu creio chamar-se um sorriso merdoso. O rosto da criança fica em branco, ou fecha-se. Tanto o brinquedo como o sorriso se vão: ele tanto lhe leva o brinquedo como o sorriso. Seguidamente vai até à loja, para o trocar. Porquê? Um par de dólares. Dá para acreditar neste fulano? Ele até tira o doce a um bebé, se houver nisso cinquenta cêntimos para si. O Tod vai à igreja e tudo. Calcorreia o caminho até lá aos domingos, com chapéu, gravata, fato escuro. O olhar indulgente que se recebe de todos ao entrar — o Tod parece precisar disso, do reconforto social. Sentamo-nos em filas e adoramos um cadáver. Mas é nítido do que anda o Tod à procura. Cristo, ele é tão desavergonhado. Tira sempre da bandeja uma nota das grandes.